



Ignácio Rangel: o Brasil caminha para a estatização do sistema financeiro

# Rangel prevê o fim do capitalismo financeiro

"A trajetória da economia brasileira está apontando, inevitavelmente, para a estatização do sistema financeiro do País", afirmou ontem o presidente do Conselho Regional de Economia, seção do Rio de Janeiro, Ignácio Rangel, em depoimento na CPI da dívida externa. "Ao cabo de cada crise cíclica, explicou, é regra que ocorra uma redivisão do sistema, definindo-se que atividades devem ser privatizadas e que outras devem ser estatizadas".

— A outra grande depressão (dos anos 30) decretou o fim do capitalismo industrial. Agora é o fim do capitalismo financeiro. Está nascendo no Brasil um capitalismo mercantil-financeiro que terá boas relações de troca com o socialismo, mas terá de lutar palmo a palmo com o capitalismo estrangeiro, disse Rangel.

Antigo assessor econômico de três presidentes — Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart — Rangel considera que "o nó górdio da crise deverá ser cortado pela reestruturação dos serviços de utilidade pública, habilitando-os a levantar recursos no mercado financeiro interno, em moeda nacional".

Para o economista, o endividamento interno, quando supre recursos novos e não é mera "ciranda financeira", tem o efeito duplo de romper pontos de estrangulamento e oferecer demanda efetiva para o uso do potencial produtivo previamente criado. Da mesma forma, o endividamento externo, quando importa na entrada real de recursos novos, só rompe pontos de estrangulamento se forem bem aplicados, não tendo, porém, qualquer efeito sobre a demanda efetiva interna.

Segundo o depoente, mesmo na hipótese de entrada real de recursos, há sempre o perigo do efeito "dumping", se as atividades econômicas forem privadas do mercado. Salientou Rangel que, tal como aconteceu com o endividamento interno, há muito que o serviço da dívida externa absorve, além dos recursos "novos", cuja captação "é a ocupação "nobre" dos nossos ministros da área econômica", uma parcela crescente da receita corrente em moeda forte, de modo que o mesmo efeito "dumping" começa a se dissipar.

## Custo da dívida

Para ele o custo do serviço da nossa dívida externa elevou-se brutalmente, "a ponto de tornar inviável qualquer esquema de resgate, mantidas as presentes condições". Rangel acredita que mesmo a moratória surge como "uma proposição absurda". Criticou, inclusive, os partidos de oposição que são favoráveis à moratória, mas que não dizem "o que o Brasil vai fazer durante ela".

O economista mostrou-se cético quanto aos resultados das negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). "Os banqueiros vão nos dar na forma de novos empréstimos o que devíamos a eles e não vamos pagar". Ele também não acredita que haja uma queda na inflação".

Um dos idealizadores da correção monetária, no governo Goulart, o economista Rangel acha que o mecanismo está sendo desmoralizado. — Não dá para prescindir da correção monetária, mas é preciso que ela não seja falsificada com expurgos nos índices, afirmou.